



Boletim do Museu Paraense Emílio
Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi
Brasil

Nunes do Amaral, Cleomara; Guarim Neto, Germano

Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade
de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil)

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 3, núm. 3, septiembre
-diciembre, 2008, pp. 329-341

Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394034985004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil)

Home gardens as conservation and food cultivation spaces: a case study in the town of Rosario Oeste (Mato Grosso, Brazil)

Cleomara Nunes do Amaral^I
Germano Guarim Neto^{II}

Resumo: Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra. Esses sistemas consistem em uma combinação de árvores, arbustos, herbáceas, algumas vezes associados a pequenos animais domésticos, crescendo próximos à residência. Com o objetivo de identificar as espécies vegetais que compõem o verde dos quintais de Rosário Oeste, Mato Grosso, e que fazem parte da alimentação de seus moradores, seguiu-se a metodologia de pesquisa sugerida por estudos etnobotânicos, com base em análises qualitativa e quantitativa. A coleta de dados etnobotânicos foi realizada por meio de visitas domiciliares, utilizando-se a técnica de "bola de neve". Foram identificadas 94 espécies vegetais, utilizadas especialmente na alimentação das famílias. Apesar de terem importante função ecológica e de conservarem alta diversidade de plantas na sua composição, garantindo a variabilidade genética de muitas espécies, esses quintais, enquanto sistemas agrícolas tradicionais, voltados para a subsistência, estão se desarticulando e perdendo espaço para a agroindústria e para outras atividades comerciais que ganham, cada vez mais, impulso no campo.

Palavras-chave: Quintais. Plantas alimentícias. Sistemas agrícolas tradicionais. Conservação. Etnobotânica.

Abstract: Home gardens are one of the oldest forms of land management. These systems consist of a combination of trees, shrubs and herbs, sometimes associated with small domestic animals, growing next to residences. To identify the plant species used as food that constitute the home gardens in the town of Rosário Oeste, Mato Grosso State, Brazil, we used qualitative and quantitative methodologies suggested by other ethnobotanical studies. We collected ethnobotanical data by visiting homes and applying the "snow-ball" technique. We identified 94 plant species used as food by the local families. Even though traditional agricultural systems such as home gardens play important ecological roles and conserve high plant species diversity while maintaining these species' genetic variability, these subsistence systems are becoming disarticulated and are losing space to agroindustry and other commercial activities that are of ever increasing economic importance in rural areas.

Keywords: Home gardens. Food plants. Traditional agricultural systems. Conservation. Ethnobotany.

^I Universidade Federal de Mato Grosso. Varzea Grande, Mato Grosso, Brasil (cleomara_15@hotmail.com).

^{II} Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Biociências. Cuiabá, Mato Grosso, Brasil (guarim@cpd.ufmt.br).

INTRODUÇÃO

No Brasil, quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais (Brito; Coelho, 2000). O termo varia de acordo com os países e a língua utilizada. Nair (1993) relaciona a existência de vários tipos de quintais ou *homegardens*, em diferentes locais, cada qual com características particulares.

De acordo com Kumar e Nair (2004), *homegardens* possuem longa tradição em países tropicais, onde esses sistemas consistem, geralmente, em uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras, herbáceas, algumas vezes em associação com animais domésticos, crescendo adjacentes à residência (Nair, 1993). Por sua vez, Oakley (2004) enfatiza a função dos quintais domésticos como reservatórios de biodiversidade em comunidades mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são as responsáveis pela manutenção desse sistema. Essa tarefa cotidiana garante o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. O mesmo autor afirma, ainda, que as mulheres preservam a biodiversidade por meio de plantações com alta densidade de espécies subutilizadas, transformando seus quintais em laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não-domesticadas.

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade. Embora esse sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas economicamente, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto. Nesse sentido, a presente pesquisa foi realizada com a finalidade de ampliar o conhecimento sobre a produção domiciliar de plantas alimentícias nos quintais urbanos de Rosário Oeste, no Mato Grosso (MT). As espécies vegetais presentes nesses

quintais e suas formas de consumo foram identificadas, buscando as características e informações etnobotânicas, de modo a analisar a importância do cultivo de tais plantas para a alimentação de seus moradores.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

ÁREA DE ESTUDO

O município de Rosário Oeste encontra-se a 124 km da capital do Mato Grosso, Cuiabá, trafegando pela BR-163. Está localizado na latitude 14°50'10" sul e na longitude 56°25'39" oeste, a 192 metros de altitude, com extensão territorial de 8.530,37 km² (Figura 1). Os quatro distritos do município são: Arruda, Bauxi, Marzagão e a sede, local da pesquisa (Ferreira, 2001).

O município de Rosário Oeste teve sua origem com o início do movimento garimpeiro do século XVIII. Por volta de 1747, o local servia de passagem entre Diamantino e Cuiabá. Em 1751, Inácio Maciel de Tourinho e sua mulher fundaram um sítio à margem direita do ribeirão Monjolo, passando o local a ser conhecido pelo nome do ribeirão. A agricultura e a pecuária foram rendendo e a povoação foi se firmando no sítio. Com a abertura do garimpo em Diamantino, o povoado de Nossa Senhora do Rosário foi se desenvolvendo como ponto de pouso. Atualmente, as principais atividades econômicas da região são a pecuária, a agricultura, principalmente de arroz e milho, e o comércio, além do potencial para o ecoturismo (Ferreira, 2001).

Os quintais amostrados localizam-se na área urbana do município. Para a coleta das informações, foram escolhidos intencionalmente dois bairros tradicionais da cidade, o de Nossa Senhora Aparecida e o bairro Monjolo, localizados nos dois extremos da cidade (Figura 2).

MÉTODOS

A frequência das visitas nos dois bairros foi mensal, de setembro a dezembro de 2006, durante as quais se realizou o estudo sobre a utilização de plantas com finalidade alimentar por moradores. A coleta de dados

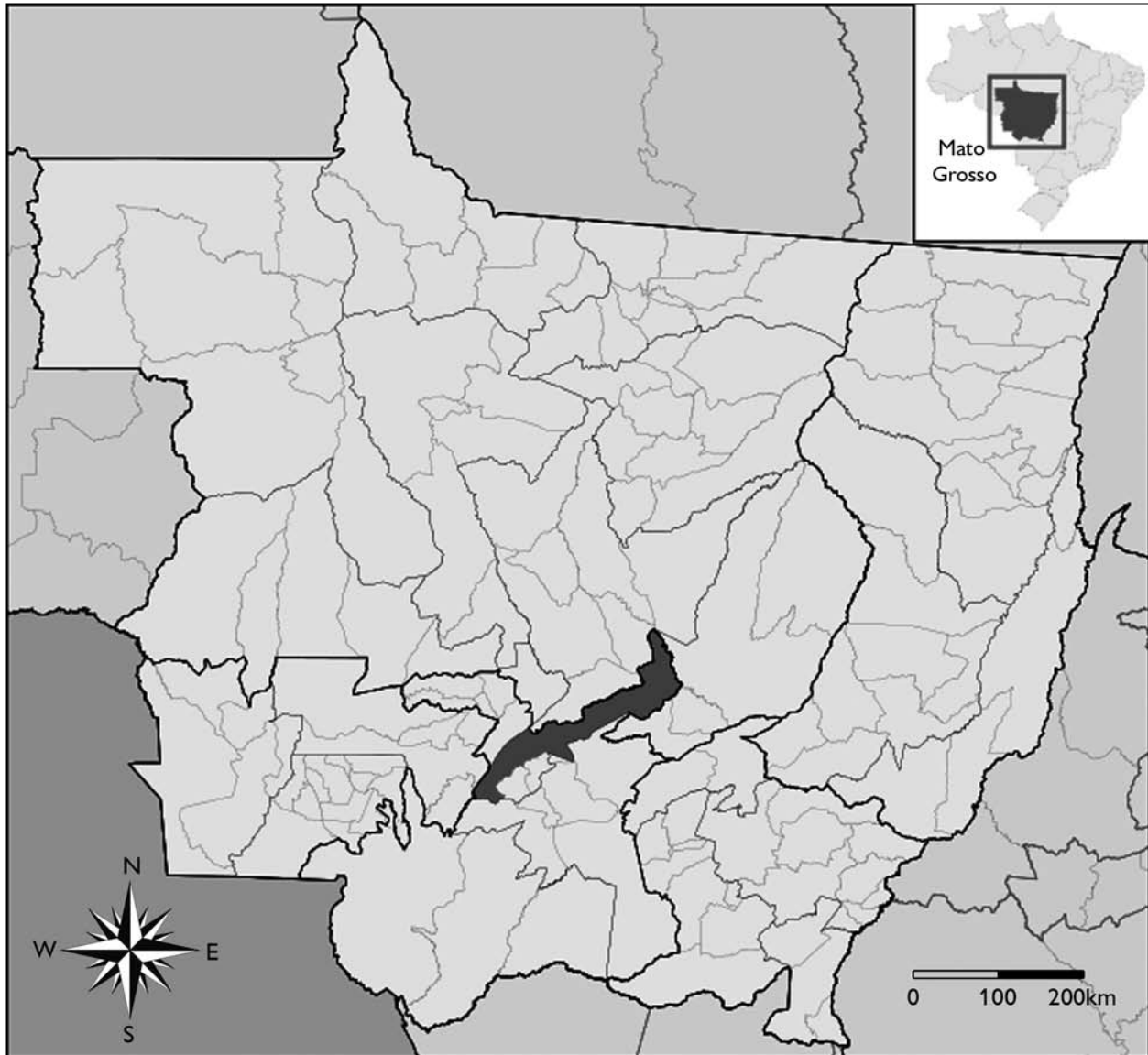


Figura 1. Localização do município de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ros%C3%>.

se deu através de visitas domiciliares, priorizando amostras intencionais (Thiollent, 1996). O contato foi facilitado por meio da técnica de “bola de neve” (Bayley, 1994).

Nessa técnica, a pesquisa começa com um informante-chave, uma pessoa culturalmente competente, geralmente idosa, bastante popular na região e com grande conhecimento a respeito da utilização das plantas,

que recomenda outro informante de competência similar, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos. Assim, um entrevistado foi indicando outros potenciais informantes, até atingir o total de 62 entrevistados. As amostras foram limitadas através do procedimento adaptado ao conceito de curva espécie-área (ACIESP, 1997). A cada entrevista foram acrescentadas somente as espécies novas mencionadas,

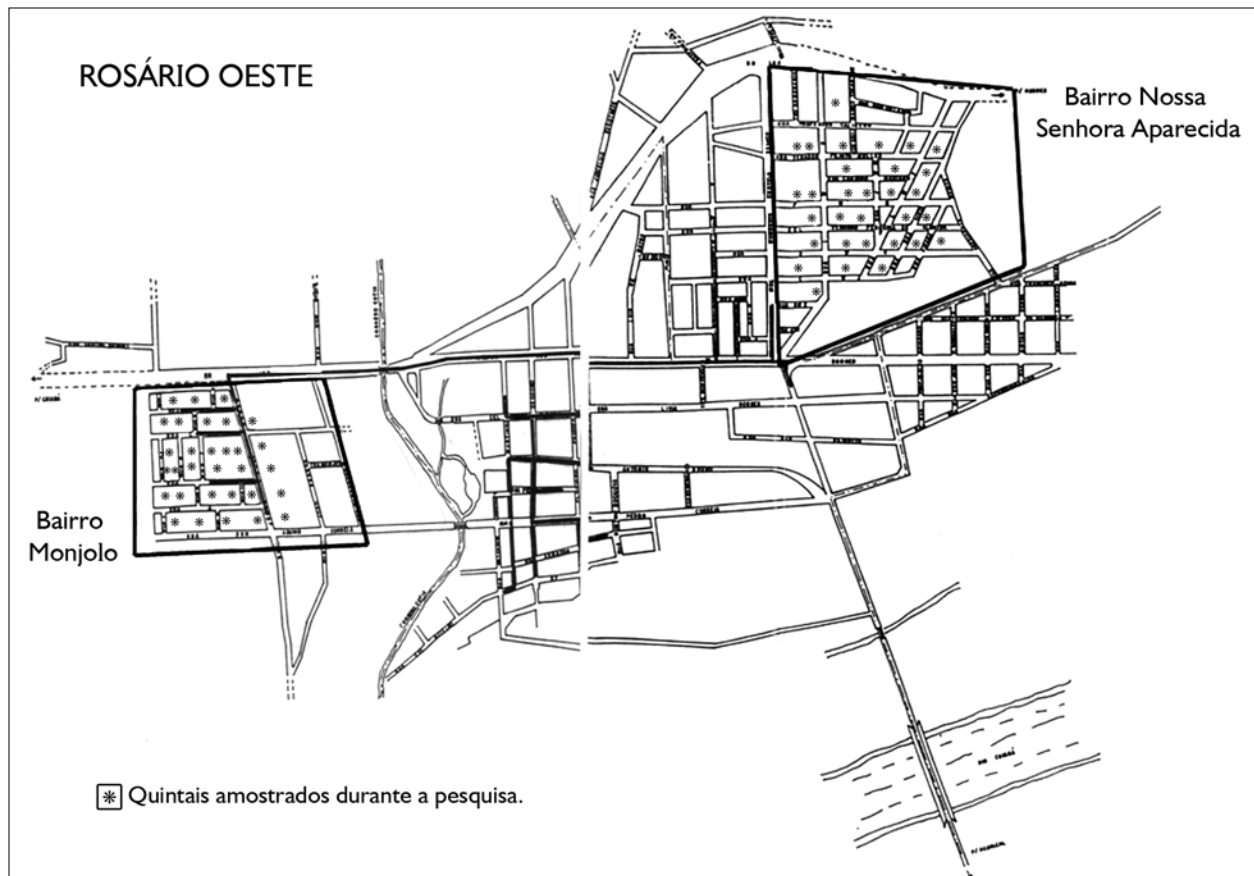


Figura 2. Área urbana de Rosário Oeste. Esquema dos quintais pesquisados nos bairros Monjolo e Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Biblioteca Municipal de Rosário Oeste-MT (Adaptado).

resultando em uma curva que foi se estabilizando a partir do 50°. informante, no momento em que novas espécies deixavam de ser citadas.

Durante a pesquisa, aplicaram-se entrevistas semi-estruturadas, com questões norteadoras do tipo abertas e fechadas (Ludke; André, 1986; Richardson, 1999; Amorozo *et al.*, 2002), contendo uma série de perguntas buscando informações socioeconômicas dos moradores e dados relevantes sobre as espécies vegetais e seus quintais, como nome da planta, tipos de consumo, parte utilizada, cuidados com a planta e com o quintal. Além da gravação de entrevistas, foram utilizados como ferramentas o diário de campo, a observação direta e os registros fotográficos, sempre previamente autorizados pelos informantes.

ANÁLISE QUANTITATIVA

Com a finalidade de identificar o grau de importância que uma determinada espécie possui para a população estudada, foram calculados o Nível de Fidelidade (NF) de cada planta citada por mais de três informantes; o Fator de Correção (FC); e a Porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais (CUP), que é calculada para neutralizar a maior ou menor popularidade da espécie. Os índices foram calculados de acordo com Friedman *et al.* (1986), adaptados por Amorozo e Gély (1988):

$$NF = IP \times 100$$

$$IU$$

Onde: IP = nº de informantes que citaram o uso principal

IU = nº de informantes que citaram qualquer uso da espécie

$FC = IU / n^{\circ}$ de informantes que citaram a espécie mais citada

$$CUP = NF \times FC$$

IDENTIFICAÇÃO BOTÂNICA

As espécies vegetais foram identificadas no local e o material botânico que se encontrava em período fértil foi coletado e devidamente encaminhado ao Laboratório de Botânica da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e ao Herbário Central da UFMT, onde foi identificado e se encontra depositado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade média dos informantes que participaram da pesquisa foi de cinquenta anos, sendo 51 do sexo feminino e 11 do masculino. Com relação aos entrevistados, 50 são do município de Rosário Oeste, especialmente da zona rural; dez informantes nasceram em outros municípios do estado de Mato Grosso; e apenas dois informantes vieram de outros estados, um de São Paulo e outro de Goiás. De modo geral, os informantes apresentaram baixa escolaridade (83%), sendo que 68% deles não possuem o 1º grau completo e 15% nunca freqüentaram a escola.

De acordo com Amorozo (2002), o cultivo em comunidades agrícolas tradicionais é algo que se aprende muito cedo, à medida que as crianças acompanham os adultos às roças. Quem se acostuma a plantar, dificilmente deixa de exercer tal atividade, mesmo quando migra para áreas mais urbanizadas. Tal fato pode ser observado no estudo, pois a maioria dos informantes veio de áreas rurais, trabalhava nas roças com os pais, com quem aprendeu o ofício, e continuou com a prática do cultivo em quintais após mudar para a cidade. Segundo Emperaire e Ludivine (2008), o estreitamento de relação entre comunidades florestais e áreas urbanas é um fenômeno observável, especialmente na região amazônica. As atividades de produção, entre as quais a agricultura, originalmente praticadas em contextos florestais, estão sendo modeladas por novos condicionantes oriundos da

esfera urbana, em particular, novos modelos culturais e novas condições fundiárias.

Cada sistema de quintais apresenta particularidades que lhe são próprias, definidas pelas condições agroecológicas e pelas características socioculturais (Brito; Coelho, 2000). Segundo Ferreira (1995), é no quintal que se encontra a fomalha de fazer rapadura, o varal de secar a carne e o peixe, o pilão onde se pila o arroz e soca-se a paçoca. É no quintal que se abrigam as ferramentas, prepara-se o fumo, a comida e as rezas. É ali que ocorrem as conversas entre vizinhos. Assim, os habitantes de Rosário Oeste mantiveram sua essência rural e fizeram pequenas roças de seus domicílios urbanos, onde cultivam suas plantas, criam seus animais domésticos e mantêm alguns hábitos, costumes e objetos do campo, como fogões de lenha, fomalhas, pilões e jirasus.

A área média dos quintais analisados foi de 622 m², incluindo a área do domicílio, sendo que todos os terrenos possuíam o formato retangular. Os cuidados que os moradores apresentam com seus quintais inclui a utilização de técnicas simples de manejo, como capinas periódicas, irrigação, limpeza e adubação. Outro costume apresentado por alguns informantes foi a utilização de cal e sal no cultivo do coco-da-Bahia (*Cocos nucifera*) e de esterco de gado ou de galinha para adubação das hortaliças. Esse dado também foi apresentado por Santos (2004) em estudo sobre os quintais de Alta Floresta (MT), onde, segundo a autora, essas práticas tradicionais refletem importantes processos ecológicos de uso e conservação dos recursos vegetais.

Com relação ao aspecto físico, os quintais de Rosário Oeste possuem características semelhantes às descritas por Noda (2000) e por Santos (2004), consistindo em espaços destinados ao manejo de árvores, arbustos e ervas, para diferentes finalidades, com cultivos perenes e anuais, cultivados em consórcio com pequenos animais, sendo a responsabilidade de manutenção exercida, principalmente, pelas mulheres. Por sua vez, Pasa (2004) observou que a estrutura espacial dos vegetais presentes nos quintais da comunidade ribeirinha do rio Aricá-Açú apresenta, em média, três estratos: o arbóreo, o arbustivo/subarbustivo

e o herbáceo. Os quintais dos bairros de Nossa Senhora Aparecida e de Monjolo, em Rosário Oeste, também apresentam esses estratos.

O estrato arbóreo se encontra representado por árvores como a mangueira (*Mangifera indica*), o mamoeiro (*Carica papaya*), o coco-da-Bahia e o buriti (*Mauritia flexuosa*). No estrato arbustivo, estão presentes a laranjeira (*Citrus aurantium*), o limoeiro (*Citrus limonum*) e o algodoeiro (*Cochlospermum regium*). O estrato herbáceo é representado, principalmente, por hortaliças

como a alface (*Lactuca sativa*), a rúcula (*Eruca sativa*) e a cebolinha (*Allium schoenoprasum*).

Algumas espécies, como o cajueiro (*Anacardium occidentale*), a erva-doce (*Pimpinella anisum*), a hortelã (*Mentha villosa*) e o coco-da-Bahia, além de servirem na alimentação, são utilizadas na preparação de remédios caseiros. Assim, em alguns casos, as plantas alimentícias apresentam uma acumulação de usos, sendo que 27% das 94 espécies registradas são também utilizadas pela população para finalidade medicinal (Tabela 1).

Tabela 1. Espécies alimentícias cultivadas nos quintais de Rosário Oeste (MT).

AL = Alimentar; ME = Medicinal; Av = Arbóreo; Arb = Arbustivo; Herb = Herbáceo; Trep = Trepadeira.

(continua)

Família	Nome popular	Nome científico	Uso	Parte usada	Hábito
Anacardiaceae	Cajá-manga	<i>Spondias mombin</i> L.	AL	Fruto	Av
	Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
	Jacote	<i>Spondias purpurea</i> L.	AL	Fruto	Av
	Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	AL	Fruto	Av
Annonaceae	Ata	<i>Annona squamosa</i> L.	AL	Fruto	Av
	Graviola	<i>A. muricata</i> L.	AL	Fruto	Av
Apiaceae	Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	AL	Folha	Herb
	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	AL	Folha	Herb
	Coentro-da-Índia	<i>Eryngium foetidum</i> L.	AL	Folha	Herb
	Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	ME/AL	Semente	Herb
	Salsinha	<i>Petroselinum sativum</i> subsp. <i>sativum</i>	AL	Folha	Herb
Araceae	Inhame	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	AL	Raiz	Herb
Arecaceae	Babaçu	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	AL	Fruto	Av
	Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	AL/ME	Fruto	Av
	Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	AL/ME	Fruto	Av
	Coco-da-Bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
	Gueraba	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	AL	Palmito (caule)	Av
Asteraceae	Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Almeirão	<i>Chicorium endivia</i> L.	AL	Fruto	Herb
Brassicaceae	Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	AL/ME	Folha	Herb
	Rabanete	<i>Raphanus sativus</i> L.	AL	Raiz	Herb
	Repolho	<i>Brassica capitata</i> L. (H.) Lévl.	AL	Folha	Herb
	Rúcula	<i>Eruca sativa</i> Mill.	AL	Folha	Herb
Bromeliaceae	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	AL	Fruto	Herb
Caesalpiniaceae	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	AL/ME	Fruto	Av

Tabela 1. Espécies alimentícias cultivadas nos quintais de Rosário Oeste (MT).

AL = Alimentar; ME = Medicinal; Av = Arbóreo; Arb = Arbustivo; Herb = Herbáceo; Trep = Trepadeira.

(continua)

Família	Nome popular	Nome científico	Uso	Parte usada	Hábito
Caricaceae	Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
Convolvulaceae	Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	AL	Raiz	Herb
Cucurbitaceae	Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	AL	Fruto	Herb
	Pepino	<i>Cucumis sativus</i> L.	AL	Fruto	Herb
Dioscoreaceae	Cará-branco	<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	AL	Tubérculo	Herb
	Cará-roxo	<i>Dioscorea</i> sp.	AL	Tubérculo	Herb
	Cará-fujão	<i>Dioscorea</i> sp.	AL	Tubérculo	Herb
	Cará-mão-de-anta	<i>Dioscorea trifida</i> L.f.	AL	Tubérculo	Herb
Euphorbiaceae	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	AL	Raiz	Arb
Fabaceae	Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Feijão-andu/doce	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	AL/ME	Fruto	Arb
	Feijão-orelha-de-padre	<i>Phaseolus</i> sp.	AL	Fruto	Trep
	Feijão-catador	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	AL	Fruto	Trep
	Feijão-de-corda	<i>Vigna unguiculata</i> L. Walp.	AL	Fruto	Trep
	Ingá	<i>Ingá</i> sp.	AL	Fruto	Arb
Lamiaceae	Hortelãzinha	<i>Mentha villosa</i> Huds.	AL/ME	Folha	Herb
	Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	AL	Folha	Herb
Lauraceae	Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	ME/AL	Fruto	Av
	Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	AL	Casca	Av
Liliaceae	Alho-de-folha	<i>Allium</i> sp.	AL	Folha	Herb
	Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	AL/ME	Folha	Herb
	Nirá	<i>Allium tuberosum</i> Rottl. Ex Spreng.	ME/AL	Folha	Herb
Malvaceae	Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	AL	Fruto	Arb
Malpighiaceae	Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	AL/ME	Fruto	Arb
Marantaceae	Araruta	<i>Maranta arundinacea</i> L.	AL	Raiz	Herb
Moraceae	Amora	<i>Morus nigra</i> L.	AL/ME	Fruto/ Folha	Av
	Figo	<i>Ficus carica</i> L.	AL	Fruto	Arb
	Fruta-pão	<i>Artocarpus altalis</i> (Parkins)	AL	Fruto	Av
	Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.f.	AL	Fruto	Av
Musaceae	Bananeira	<i>Musa paradisiaca</i> L.	AL	Fruto	Arb
Myrtaceae	Araçá	<i>Psidium araca</i> Raddi	AL	Fruto	Av
	Ameixa, Jambolão	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	ME/AL	Fruto	Av
	Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
	Jabuticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> (DC.) Berg.	AL	Fruto	Arb

Tabela 1. Espécies alimentícias cultivadas nos quintais de Rosário Oeste (MT).

AL = Alimentar; ME = Medicinal; Av = Arbóreo; Arb = Arbustivo; Herb = Herbáceo; Trep = Trepadeira.

(conclusão)

Família	Nome popular	Nome científico	Uso	Parte usada	Hábito
	Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i> Lin.	AL	Fruto	Av
	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	AL/ME	Fruto	Arb
Oxalidaceae	Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	AL/ME	Fruto	Arb
Passifloraceae	Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	AL/ME	Fruto	Trep
	Maracujina	<i>Passiflora</i> sp.	AL	Fruto	Trep
Pedaliaceae	Gergelim	<i>Sesamum indicum</i> DC.	AL	Semente	Herb
Piperaceae	Pariparoba	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	AL/ME	Folha	Herb
	Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	AL	Fruto	Herb
Poaceae	Cana	<i>Saccharum officinale</i> L.	AL	Caule	Arb
	Capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> L.	ME/AL	Folha	Herb
	Milho	<i>Zea mays</i> L.	AL	Fruto	Arb
Punicaceae	Romã	<i>Punica granatum</i> L.	AL/ME	Fruto	Arb
Rosaceae	Maçã	<i>Malus domestica</i> Borkhausen.	AL	Fruto	Arb
Rubiaceae	Café	<i>Coffea arabica</i> L.	AL	Fruto	Arb
	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
Rutaceae	Laranjeira	<i>Citrus aurantium</i> L.	AL/ME	Fruto	Av
	Laranja-lima	<i>Citrus limetta</i> Risso	AL	Fruto	Av
	Limoeiro	<i>Citrus limonum</i> Osb.	AL	Fruto	Av
	Mexerica	<i>Citrus deliciosa</i> L.	AL	Fruto	Av
	Pocã	<i>Citrus</i> sp.	AL	Fruto	Av
	Tangerina	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	AL	Fruto	Av
Sapotaceae	Fruta-banana	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	AL	Fruto	Av
Sapindaceae	Pitombeira	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk	AL	Fruto	Av
Solanaceae	Jiló	<i>Solanum jilo</i> Radi.	AL	Fruto	Herb
	Pimenta-chumbinho poca/bode	<i>Capsicum baccatum</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Pimenta-de-cheiro	<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	AL	Fruto	Herb
	Pimenta-malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Pimentão / Pimenta-roxa	<i>Capsicum annuum</i> L.	AL	Fruto	Herb
	Tomate	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	AL	Fruto	Herb
Sterculiaceae	Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	AL	Fruto	Av
	Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.)	AL	Fruto	Arb
Vitaceae	Uva	<i>Vitis vinifera</i> L.	AL	Fruto	Trep
Zingiberaceae	Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	AL	Raiz	Herb

As 94 espécies vegetais cultivadas com a finalidade de complementação da dieta alimentar são representadas nesse estudo, principalmente, por espécies frutíferas, como o cajueiro, o mamoeiro e a bananeira (*Musa paradisiaca*). Em geral, as partes dos vegetais utilizadas são as folhas, o caule, o fruto, a semente e a raiz (Figura 3). O fruto é a parte mais consumida (72%). Além de ser consumido *in natura*,

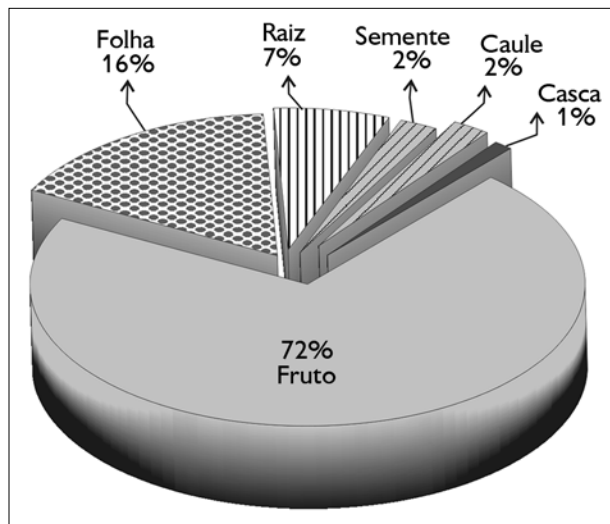


Figura 3. Partes das plantas cultivadas nos quintais de Rosário Oeste (MT) utilizadas como alimento.

é utilizado na preparação de doces, compotas, geléias, chás e sucos. As hortaliças constituem importantes fontes de alimento, principalmente através do consumo das folhas em saladas, como os casos da alface (*Lactuca sativa*), da couve (*Brassica oleracea*) e do almeirão (*Chicorium endivia*).

De acordo com Pasa (2004), a produção nos quintais, especialmente a hortifrutífera, permite à população manter uma baixa dependência de produtos adquiridos externamente, ocasiona impactos mínimos sobre o ambiente, conserva os recursos vegetais e a riqueza cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais. Ao mesmo tempo, o quintal fortalece os vínculos sociais da comunidade por meio da utilização do espaço para atividades sociais, como rezas, festas e lazer.

Valadão *et al.* (2006) destacam a importância da produção domiciliar de plantas alimentícias. As verduras, frutas e legumes constituem valiosas fontes de nutrientes para a família, uma alternativa econômica para o consumo de produtos em épocas de crise, e que, de outra maneira, seria de difícil obtenção, fato este relatado pela maioria dos entrevistados durante a pesquisa.

A renda familiar dos moradores de Rosário Oeste é, geralmente, baixa, em média de três salários mínimos (SEPLAN, 2004). Na pesquisa, a renda mensal variou entre um e três salários, sendo que a aposentadoria constitui uma importante fonte de renda para grande parte das famílias envolvidas.

Percebe-se que os quintais urbanos rosarienses representam para seus moradores, assim como o proposto por Niñez (1984), uma estratégia adaptativa na economia de famílias com baixo poder aquisitivo, como as que fizeram parte dessa pesquisa. Niñez (1984) e Santos (2004) destacam, ainda, a possibilidade de complementação da renda familiar com a venda de alguns vegetais produzidos domiciliarmente, especialmente de plantas olerícolas. Em Rosário Oeste, apesar dos moradores possuírem hortas caseiras e espécies frutíferas em seus quintais, a maioria das plantas é destinada apenas para consumo próprio. Somente o excedente é vendido, conforme mencionado por uma moradora: "(...) a gente só vende as verduras, quando alguém procura... senão é só pro consumo mesmo" (D.J.).

Gutberlet (1994) revela, em informações levantadas na baixada cuiabana, que essas populações utilizam com frequência, além das frutíferas nos quintais, os recursos naturais oriundos do cerrado e das matas ciliares, aumentando, assim, seus meios de subsistência.

No estudo dos quintais rosarienses, as espécies exóticas foram as mais frequentes. Entretanto, foi possível encontrar nesses espaços algumas espécies da flora local, como a bocaiúva (*Acrocomia aculeata*), o jenipapo (*Genipa americana*) e o buriti. As espécies

nativas são provenientes de mudas oriundas de matas, sítios e outras áreas de cerrado próximas à cidade. Em poucos casos ocorrem espontaneamente nos quintais. Apesar de representadas em menor número em relação às plantas exóticas, o cultivo das espécies nativas constitui importante banco de germoplasma, que garante a variabilidade genética de muitas dessas espécies (Brito; Coelho, 2000). A maioria das espécies vegetais encontradas nos quintais rosarienses foi adquirida por meio da doação por parentes, vizinhos e amigos. Nenhum morador mencionou a compra de plantas.

Pode-se observar, ainda, que algumas plantas, especificamente as herbáceas, são removidas por conveniência, de acordo com a função ou necessidade do mantenedor. As árvores frutíferas raramente são retiradas. Santos (2004) constatou que, em quintais de Alta Floresta, algumas plantas, ainda pouco adaptadas ao local devido ao clima ou solo, são objeto de constantes experimentações através do plantio de sementes e de mudas. Em Rosário Oeste, esse fato também pode ser observado, especialmente por meio do cultivo de plantas como a uva (*Vitis vinifera*) e a maçã (*Pirus malus*), espécies ainda não adaptadas ao local, mas em fase de experimentação por parte de dois moradores. Pedroso Junior *et al.* (2008) também destacam o importante papel das populações tradicionais no processo de cultivo e experimentação, considerando as populações que praticam a agricultura como mantenedoras da diversidade genética de várias espécies agrícolas.

IMPORTÂNCIA RELATIVA DAS ESPÉCIES

Foram calculados o Nível de Fidelidade (NF) e a Concordância quanto ao Uso Principal (CUP) para as 44 espécies citadas por mais de três informantes (Tabela 2). O NF serve para avaliar a importância de cada espécie para uma finalidade particular. A CUP é utilizada para neutralizar, através do Fator de Correção (FC), a maior ou menor popularidade de uma espécie (França, 2006). Segundo Jorge (2001), o NF igual a 100% indica que

existe uma consistência cultural quanto ao uso da espécie na comunidade em estudo. Os valores da CUP são geralmente mais baixos, pois são relativos às plantas com maior número de citações.

Apesar de esses índices serem utilizados, inicialmente, em estudos sobre plantas medicinais, a utilização dos mesmos nesse trabalho tem como objetivo detectar as espécies vegetais mais utilizadas e importantes para a população, servindo de base para a conservação das mesmas. Soma-se, ainda, o fato de várias das espécies alimentícias encontradas serem, também, utilizadas pela população como medicinais.

Como uso principal foi considerado o tipo de consumo mais mencionado pelos informantes. Na maioria dos casos, o consumo *in natura*, especialmente de frutas e verduras, foi o mais citado. Outro tipo de consumo registrado entre os moradores foi o de utilização das plantas como condimento: a pimenta (*Capsicum* sp.), a hortelã (*Mentha villosa*) e o manjerição (*Ocimum basilicum*), por exemplo.

Todas as plantas cultivadas e utilizadas na alimentação dos informantes tiveram um consenso quanto a seus usos principais. O NF foi calculado acima de 60%, ou seja, em geral, a população rosariense conhece e utiliza as plantas mencionadas para uma mesma finalidade (Tabela 2). A planta mais citada foi a bananeira, encontrada em 71% dos lares estudados, obtendo 44 citações exclusivamente para o uso alimentar.

Esses resultados demonstram a importância das plantas cultivadas em quintais para a alimentação das famílias de Rosário Oeste, especialmente a bananeira, a acerola (*Malpighia glabra*), o coco-da-Bahia e a mangueira, espécies amplamente citadas e encontradas em mais da metade dos quintais pesquisados (Tabela 2). Essas espécies representam uma importante fonte de nutrientes para as pessoas do domicílio, sendo a produção desses alimentos uma alternativa econômica encontrada para o consumo de uma maior quantidade de vitaminas e sais minerais.

Tabela 2. Usos principais e Concordância quanto ao uso das plantas alimentícias citadas por mais de três informantes nos bairros Nossa Senhora Aparecida e Monjolo, em Rosário Oeste (MT).

IU = N°. entrevistados que citou uso da espécie; IP = N°. pessoas citando uso principal; NF = Nível de Fidelidade (%); FC = Fator de Correção; CUP = Concordância quanto ao Uso Principal.

(continua)

Nome vulgar	IU	N°. usos citados	Uso principal	IP	NF %	FC	CUP
Abacateiro	11	4	<i>In natura</i>	11	100	0,25	25,00
Abacaxi	10	1	<i>In natura</i>	10	100	0,23	22,73
Abóbora	8	1	<i>In natura</i>	8	100	0,18	18,18
Acerola	34	3	<i>In natura</i>	32	94,12	0,77	72,73
Alface	4	2	<i>In natura</i>	4	100	0,09	9,09
Alho-de-folha	4	1	Condimento	4	100	0,09	9,09
Amora	3	2	<i>In natura</i>	2	66,6	0,07	4,55
Ata	19	1	<i>In natura</i>	19	100	0,43	43,18
Bananeira	44	1	<i>In natura</i>	44	100	1,00	100,00
Bocaiúva	8	2	<i>In natura</i>	8	100	0,18	18,18
Cacau	5	1	<i>In natura</i>	5	100	0,11	11,36
Café	8	1	<i>In natura</i>	8	100	0,18	18,18
Cajá-manga	3	1	<i>In natura</i>	3	100	0,07	6,82
Cajueiro	23	4	<i>In natura</i>	21	91,30	0,52	47,73
Cana	20	1	<i>In natura</i>	20	100	0,45	45,45
Carambola	3	1	<i>In natura</i>	3	100	0,07	6,82
Cebolinha	38	2	Condimento	37	97,36	0,86	84,09
Cenoura	3	1	<i>In natura</i>	3	100	0,07	6,82
Coentro	4	1	Condimento	4	100	0,09	9,09
Couve	8	2	<i>In natura</i>	8	100	0,18	18,18
Coco-da-Bahia	32	3	<i>In natura</i>	29	90,62	0,73	65,91
Figo	3	1	<i>In natura</i>	3	100	0,07	6,82
Fruta-banana	4	1	<i>In natura</i>	4	100	0,09	9,09
Goiabeira	22	3	<i>In natura</i>	21	95,45	0,50	47,73
Hortelãzinha	16	7	Condimento	12	75	0,36	27,27
Jabuticaba	5	1	<i>In natura</i>	5	100	0,11	11,36
Jaca	4	1	<i>In natura</i>	4	100	0,09	9,09
Jiló	4	1	<i>In natura</i>	4	100	0,09	9,09
Laranjeira	17	2	<i>In natura</i>	17	100	0,39	38,64
Laranja-lima	5	1	<i>In natura</i>	5	100	0,11	11,36
Limoeiro	28	1	<i>In natura</i>	28	100	0,64	63,64
Mamoeiro	31	1	<i>In natura</i>	31	100	0,70	70,45
Mandioca	27	1	<i>In natura</i>	27	100	0,61	61,36



Tabela 2. Usos principais e Concordância quanto ao uso das plantas alimentícias citadas por mais de três informantes nos bairros Nossa Senhora Aparecida e Monjolo, em Rosário Oeste (MT).
IU = N°. entrevistados que citou uso da espécie; IP = N°. pessoas citando uso principal; NF = Nível de Fidelidade (%);
FC = Fator de Correção; CUP = Concordância quanto ao Uso Principal.

(conclusão)

Nome vulgar	IU	N°. usos citados	Uso principal	IP	NF %	FC	CUP
Mangueira	31	1	<i>In natura</i>	31	100	0,70	70,45
Maracujá	3	1	<i>In natura</i>	3	100	0,07	6,82
Milho	5	1	<i>In natura</i>	5	100	0,11	11,36
Pimenta-dedo-de-moça/poça	17	1	Condimento	17	100	0,39	38,64
Pimenta-de-cheiro	3	1	Condimento	3	100	0,07	6,82
Pimenta-do-reino	2	1	Condimento	2	100	0,05	4,55
Pimenta-malagueta	5	1	Condimento	5	100	0,11	11,36
Pimentão	13	1	Condimento	13	100	0,30	29,55
Pocã	10	1	<i>In natura</i>	10	100	0,23	22,73
Rúcula	6	1	<i>In natura</i>	6	100	0,14	13,64
Salsinha	3	1	Condimento	3	100	0,07	6,82

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos quintais estudados se localizarem na área urbana do município, a população mantém uma estreita relação com a natureza, fato este comprovado pela diversidade de espécies encontradas naqueles locais. Essas espécies constituem valiosas fontes de nutrientes para as famílias rosarienses, uma alternativa econômica encontrada pelos moradores da cidade para o consumo de alimentos necessários e saudáveis, proporcionando às famílias uma maior segurança alimentar e melhor qualidade de vida.

Os quintais localizados na área urbana de Rosário Oeste mantêm a tradição e os aspectos típicos de um ambiente rural, onde seus moradores tiveram origem. As pessoas reproduzem nesses espaços reduzidos suas antigas roças, especialmente de espécies alimentares, ao mesmo tempo em que criam pequenos animais domésticos, como cães, gatos e galinhas. No mesmo local, podem-se observar outros costumes e objetos típicos do campo, como pilões, fogões a lenha, fornalhas e jiraus. Assim, os quintais rosarienses apresentam uma série de funções, da conservação biológica à sociabilidade dos moradores,

podendo ser resumidas nos seguintes itens: econômica, agroecológica e sociocultural. Nesse sentido, esses espaços representam mais do que um simples sistema de produção, pois a maioria das atividades domésticas ocorre fora da residência, onde a reprodução de um saber local é exercitada cotidianamente nas mais diferentes situações.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro destinado ao Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica (FLOVET), da Universidade Federal do Mato Grosso, do qual esse trabalho faz parte; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado concedida à primeira autora; aos informantes de Rosário Oeste, que gentilmente nos receberam e sem os quais não seria possível a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACIESP. Academia de Ciências do Estado de São Paulo. **Glossário de Ecologia**. 2. ed. São Paulo: ACIESP, 1997. (Publicação ACIESP, n. 103).

- AMOROZO, Maria Cristina Melo. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). **Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.
- AMOROZO, Maria Cristina Melo; GÉLY, Anne. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- AMOROZO, Maria Cristina Melo; MING, Lin Chao; SILVA, Sandra Pereira. **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Rio Claro (SP): SBEE, 2002.
- BAILEY, Kenneth. **Methods of social research**. New York: The Free Press, 1994.
- BRITO, Márcia Aparecida; COELHO, Maria de Fátima. Os quintais agrofloreais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.
- EMPERAIRE, Laure; ELOY, Ludivine. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 2, p. 195-211, 2008.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Buriti; Secretaria de Estado da Educação, 2001.
- FERREIRA, Maria Salete Ferraz Dias. **A comunidade de Barranco Alto: diversificação de saberes às margens do rio Cuiabá**, 1995. 137 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1995.
- FRANÇA, José Ferreira. **Plantas medicinais na comunidade ribeirinha de Nossa Senhora de Aparecida (Silves, AM): um estudo etnobotânico**, 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.
- FRIEDMAN, J.; YANIV, Z.; DAFNI, A.; PALE-WITCH, D. A. Preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 16, p. 275-287, 1986.
- GUTBERLET, Jutta. Pequena produção nos cerrados e transformações sócio-ambientais: o caso do município de Acorizal na Baixada Cuiabana. **Cadernos do Neru**, n. 3, p. 175-202, 1994.
- JORGE, Shirlei da Silva Alves. **O saber medicinal ribeirinho: comunidade de poço e praia do poço, Santo Antônio do Leverger – Mato Grosso**, 2001. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.
- KUMAR, B. Mohan.; NAIR, P. Ramachandran. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, n. 1-3, p. 135-152, 2004.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.
- NAIR, P. Ramachandran. **Introduction to Agroforestry**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- NIÑEZ, Vera. Household Gardens: theoretical considerations on an old survival strategy. **Food Systems Research Series**, v. 1, n. 1, p. 1-41, 1984.
- NODA, Sandra do Nascimento. **Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira**, 2000. 182 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2000.
- OAKLEY, Emily. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.
- PASA, Maria Corette. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**, 2004. 174 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- PEDROSO JUNIOR, Nelson Novaes; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni; TAQUEDA, Carolina Santos; NAVAZINAS, Natasha Dias; RUIVO, Aglair Pedrosa; BERNARDO, Danilo Vicensotto; NEVES, Walter Alves. A casa e a roça: socioeconomia, demografia e agricultura em populações quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 2, p. 227-252, 2008.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, Solange. **Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT**, 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- SEPLAN. Secretaria do Estado de Planejamento. Coordenação Geral. **Boletim Sócio Demográfico dos municípios Mato-Grossenses**. Cuiabá, 5p. 2004. Disponível em: <<http://www.seplan.mt.gov.br>>. Acesso em: 31 abr. 2008.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- VALADÃO, Ligia Meireles; AMOROZO, Maria Cristina Melo; MOTTA, Denise Giacomo. Produção de Alimentos na unidade domiciliar, dieta e estado nutricional: a contribuição dos quintais em um assentamento rural no estado de São Paulo. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. B. (Orgs.). **Tópicos em Conservação e Etnobotânica de Plantas Alimentícias**. Recife: Nuppea, 2006. p. 92-115.

Recebido: 02/04/2008
Aprovado: 12/12/2008

